

## BANDEIRANTES DO DIREITO NO TERCEIRO MILÊNIO

*Thiago Augustus Santiago Neves*  
Bacharelado da Turma de 1997 da Faculdade de Direito  
da Universidade de São Paulo

*Mensagem da Turma dos 170 Anos das Arcadas - comprometida com a Pátria, sempre.*

*"Acima do direito formal, da legalidade estrita, existe um direito, 'mais positivo do que esse', porque é, a um tempo, 'mais legítimo e mais forte: o direito que resulta do desenvolvimento humano' "*

*Ruy Barbosa*

Exmo. Professor Álvaro Villaça Azevedo, Diretor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Exmo. Professor Fábio Konder Comparato, Patrono da Turma de 1997.

Exmo. Professor Sérgio Marcos de Moraes Pitombo, Paraninfo da Turma da Manhã.

Exmo. Professor José Roberto do Santos Bedaque, Paraninfo da Turma da Noite.

Exmo. Secretário de Justiça e Defesa da Cidadania do Estado de S. Paulo Dr. Belizário dos Santos Jr.

Demais autoridades presentes.

Queridos Mestres homenageados.

Funcionários da Escola.

Amigos.

Senhoras e Senhores.

Versos de um viajante  
*Ai! Nenhum Mago da Chaldéa sabia*  
*A dor abrandará que me devora.*  
(Fagundes Varella)

"Tenho saudade das cidades vastas,  
 Dos invios cerros, do ambiente azul...  
 Tenho saudade dos cerúleos mares,  
 Das belas filhas do país do sul!

Tenho saudades de meus dias idos  
 - Pétalas perdidas em fatal paul -  
 Pétalas que outrora desfolhamos juntos,  
 Morenas filhas do país do sul!

(...)

Tenho saudades...ai! de ti, São Paulo,  
 - Rosa de Espanha no hibernal Friul  
 Quando o estudante e a serenata acordam  
 As belas filhas do país do sul..."

(In Castro Alves, *Espumas flutuantes*.  
 Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1932,  
 pp. 106 e 107)

Saudade, palavra sem igual, a decifrar um sentimento que já foi do genial poeta baiano, condor ensandecido de liberdade que ainda povoa nosso imaginário, ele também vítima feliz da paixão pela São Francisco.

Ao fim do curso, assim que o véu invisível e protetor da Academia insinuou um adeus, nós, tal o poeta, começamos a sentir saudade.

Em menos de segundo, agora, é possível que todos nós estejamos a retroceder nossa misteriosa memória para lembrar os primeiros flertes com a imponente fachada da Faculdade.

Ali, a partir do Largo eterno, fitando os três enormes pórticos encimados pelos poetas sentinelas Castro Alves, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, como que enlevados pela mística dos fantasmas históricos e hipnotizados pelos ecos dos discursos que as suas paredes ressoam, adentramos o *Território Livre*.

Cumprimentamos o moço, José Bonifácio, sempre firme e bem trajado, para, em seguida, passarmos às Arcadas e mergulharmos mais nessa verdadeira liturgia.

Chegamos, então, ao palco admirável. De um canto a outro, flanamos.

Algazarras, conversas para todos os gostos.

Declarações apaixonadas, diálogos secos, empolgados, protocolares, ensaiados até, por que não?

Toda essa energia vital e comunicativa aumentando mais e mais nesses 170 anos, desde que, em 11 de agosto de 1827, no Paço Imperial, Pedro I assinou a lei instituidora dos dois primeiros cursos de ciências jurídicas e sociais do Brasil, o de São Paulo e o de Olinda.

Mas, não pensemos em mero ato de príncipe. A gênese não se deu assim. Acontecia antes...

Não foi só a tinta que correu daquela pena antiga para gravar-se eternamente no diploma.

A São Francisco nasceu de uma exigência do povo brasileiro, sequioso de cultura a ser produzida e reproduzida em território nacional.

A Escola já existia antes, crepitava no sentido da libertação!

Talvez, a diferença marcante apenas fosse a de que nós não teríamos mais de transpor o Atlântico, em busca das letras jurídicas da Península Ibérica.

E quanta tarefa hercúlea nos reservava esta Terra de Santa Cruz. Começaríamos a exercer a criatividade a partir daqui mesmo.

A Academia de Direito de São Paulo significa, certamente, uma segunda independência para o País. Civilizou a antiga província, aculturou os labregões. Fundou a imprensa livre. Aboliu a hedionda escravatura. Empreendeu a luta republicana. Defendeu a Constituição. Insurgiu-se contra o arbítrio sempre que a Pátria a convocou e, por isso, sempre que preciso, deixaram e deixarão os seus alunos e os seus mestres a folha dobrada para morrer pelo Brasil.

Gente do povo, professores, advogados, juízes, promotores, delegados de polícia, jornalistas, políticos, diplomatas, diletantes, artistas, amantes da aventura, a esses todos cidadãos, que fizeram e fazem a Escola sempre nova, fica registrada nossa reverência neste ano histórico.

Reverência, sim. Mas não a reverência entorpecida dos indolentes, equivocadamente desejosos de glórias pretéritas que não nos pertencem mais, *senão* como exemplo da *pertinácia*, do *destemor* e do *idealismo* sem jaça dos jovens de outrora.

Afinal, aquele espanhol noveleiro já nos ensinou que cada um é filho de suas próprias obras.

E nós bem sabemos que de nada adianta nos aferrarmos à lembrança dos nossos taumaturgos e bravos ancestrais, à moda de um fidalgo Ramires de ilustre casa.

Nós temos de ir além! Nós temos de compreender o nosso tempo, enxergar as suas demandas num sentido prospectivo e respondê-las cabalmente!

Não estivemos cinco anos juntos apenas imersos numa atmosfera evocativa e honorável.

Estivemos conhecendo-nos e, sobretudo, tivemos a oportunidade de perscrutar a realidade brasileira.

*Situemo-nos.*

1993, data de nosso ingresso nas Arcadas, ainda era um momento de perplexidade para a Nação.

No ano anterior, havíamos dado fim a uma quadra convulsionada e aflitiva, na qual estava em questão a própria legitimidade do chefe do Poder Executivo Federal.

Nós, nascidos sob o império dos governos militares, crianças ainda no processo de redemocratização de meados da década de 1980, recém-ingressos na Universidade velávamos pelas instituições.

E continuamos: cuidando que as instituições não sejam maculadas, nem sejam atiradas em vórtice insondável.

O profligar das barreiras internacionais, o sistema representativo ineficaz e decadente, o Estado que precisa definir seus contornos e fins, os pouquíssimos nababos, os milhões de brasileiros paradoxalmente esfaimados em solo dos mais ecúmenos do mundo, a inaceitável falta de letras em povo tão-inventivo às portas de revoluções diárias do conhecimento, a pauperização crescente, a corrupção também, a política comezinha (fácil de entender, difícil de aceitar). Mas um país que não quer permanecer de joelhos, quer impor-se! O Brasil que carece de autêntico projeto nacional, para não ser logrado na trágica imitação impertinente de modelos alheios.

Instituições, portanto, para serem preservadas, devem renovar-se.

É o que sucede com a tradição. Somente a merece quem a renova. Aí, sim, estará presente o *espírito da Academia*.

E há que mudar muita coisa, sim. Há que despertar a nossa capacidade de indignação, como nos incitou o eminente Professor Fábio Comparato. Não

podemos nos envergonhar diante dos desafios. Este é o nosso tempo. Tempo que não pode se perder na sua aceção meramente cronológica, mas deve consignar toda missão, todo dever de inovar, toda faina que nos aguarda.

É ver e crer que somos uma civilização original, a mais resplandecente das experiências multiculturais nestas plagas americanas.

E, no entanto, se assim quisermos - e como queremos! - ainda há que construir uma nação mais justa, estável, jamais estática.

A grandeza de nossa geração está aí: neste por fazer.

Devemos ser mais ativos e seremos!

A realidade, soez, complacente com a miséria, aturdindo massas ingentes, sufocando os direitos e garantias fundamentais, desprezando muita vez a Carta Magna - fundada na dignidade da pessoa humana -, não pode merecer de nós o descaso asfíxiante e silencioso de técnicos que se trancam em gabinetes como seres do bátrio. Nem tampouco podemos nós ter o luxo das bacharelescas cabotagens exegéticas, usinando magras certezas jurídicas.

Certeza mesmo é que temos de viver, de nos inteirar do mundo, de nos vermos e aquilo que se passa ao nosso redor. Viver, portanto, vai significar a miríade das nossas tribulações e dos nossos contatos com as coisas do mundo.

Porém, não só isso, porque viver também é perpétuo decidir o que ser: liberdade encerrando sua aura contagiante.

Liberdade, que não vem desacompanhada.

Liberdade, que é pressuposto de todo direito.

Direito, condição de todo regime que se pretende *democrático*.

Liberdade, Direito, Democracia, palavras que não são pronunciadas em vão.

Palavras que, no magistério do autor da célebre *Carta aos Brasileiros*, um brado que sintetizou o anseio popular pela normalização institucional, "não são criações da fantasia. Porque "Cada palavra tem seu sacrário... E quem escrevesse a história das palavras, escreveria a história das religiões e das filosofias.

Senhores:

Neste momento capital de nossa existência, vem-nos, inquebrantável, o compromisso maiúsculo que assumimos perante a sociedade, a quem devemos toda confiança em nós investida nestes cinco anos.

O desiderato dos agora egressos das Arcadas, saibam todos, é de se responsabilizar, porque as lições que tivemos não se restringem às teorias mais importantes, mas alargam-se no amplo horizonte de persecução da cidadania concreta, tangível.

E quando falamos das lições, Professor Pitombo, queremos dizer que, além de preciosos e precisos ensinamentos de Processo Penal, suas aulas foram verdadeiro apostolado de civismo, civismo de quem ama o Direito, ama a sua Escola e o seu País. Civismo, nós sabemos, de *guardador do fogo do Pátio*, "o lugar onde se aprende demais, onde se pode, querendo, preparar para a vida."

Aprendemos a sua mensagem e, agora, em nossa cruzada uma imposição nos fazemos: ter coragem!

Coragem de não vergar diante das ribaldarias que ainda grassam a corromper o objetivo de Justiça social.

Coragem de repudiar e aniquilar a ética utilitarista que alguns pretendem instalar de uma vez por todas.

Coragem que não pode ser tida por renitência - de afastar a noção de útil da noção de justo.

*Acadêmicos do Largo de São Francisco:*

Já disse o filósofo que a geração é como uma caravana em que o homem vai prisioneiro, mas secretamente voluntário, feliz, porque atrelado aos poetas da sua idade, às idéias políticas da sua era, à mulher bonita do seu tempo.

Que passagem feliz a de nossa caravana pela São Francisco! Conquistas laboriosas, encantamentos surpreendentes, convivência cordial, amiga, algumas desilusões prematuras, sonhos que se vão perpetuando, os encontros, as despedidas, os reencontros... (as lembranças dos caminhos mais difíceis, mais custosos, dos mais alegres como aquele de todo outubro: Largo de São Francisco, Viaduto do Chá, atrás do Municipal, Praça da República, São Luiz, Maria Paula, João Mendes, Largo de São Francisco, sempre! Faculdade da História, nossas

histórias na Faculdade, o garçom que nem sempre colocou um sorriso no rosto nem tirou a conta da mesa, o quase centenário "XI de Agosto" a Atlética, a Academia de Letras, as récitas, seus poemas e suas musas, a imprensa acadêmica, as aulas no estilo coimbrão, as Arcadas, a coisa mais bela que nelas existe: "...O canto da mocidade/ Que alegra a nossa saudade").

*Mestres, pais, família, funcionários, amigos:*

Num ato de comprometimento, está diante de todos uma nova legião de bacharéis, um grupo de bandeirantes do Direito com o mister de desbravar o Terceiro Milênio.

*Gente desta Paulicéia*, gente que veio dos mais distantes rincões da Pátria, dos interiores, dos litorais, *das Alterosas* e até dos Andes, gente que aprendeu na verdadeira vida universitária, no abrigo etéreo das Arcadas, que a Justiça, perquirida em cada novo diploma que se cria, é um sentimento indelevelmente gravado no coração dos homens e, por isso, só o humilde conhecimento de nós mesmos pode levar ao espírito das leis.

Arcadas, dezembro de 1997